
Jornalismo de emergência: Construção de sentidos no relato de pessoas anônimas

Periodismo de emergencia:
La construcción del significados en la historia de personas anónimas

Journalism emergency:
Construction of meaning in the story of anonymous people

Recebido em: 4 jun. 2013

Aceito em: 5 nov. 2013

Jorge Kanehide IJUIM

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis-SC, Brasil)

Professor do Departamento de Jornalismo da UFSC. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Contato: ijuim@cce.ufsc.br

Criselli Maria MONTIPÓ

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis-SC, Brasil)

Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória, UNIUV. Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Contato: criselli@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca suscitar algumas reflexões sobre os sentidos que emergem da narrativa jornalística sobre pessoas anônimas, em geral, desprezadas pela maioria dos meios de comunicação. Grande parte da mídia prioriza apenas fatos extraordinários que envolvam figuras públicas ou pessoas famosas. Apesar de esses modelos hegemônicos terem origem nos periódicos europeus do século XVII, foram fortemente influenciados por uma *racionalidade indolente* (Santos, 2002), que estabelece dicotomias como conhecimento científico/conhecimento tradicional, cultura/natureza, civilizado/primitivo, norte/sul, ocidente/oriente. Esta postura valoriza apenas o que é abrangido pela modernidade ocidental. Como mediador da realidade social, os meios de comunicação também podem assumir o compromisso de dar voz a todas as gentes, de diversos gêneros, classes sociais e culturas, inspirados no que Santos nomeia como Sociologia Cosmopolita. A valorização do cotidiano anódino e de histórias de pessoas anônimas aqui é discutida a partir da análise de duas reportagens da revista *Brasileiros*. A partir do emprego de recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (Motta, 2010) o intuito foi de investigar a presença de relatos que contemplam essas preocupações, assim como examina o tratamento dado a estes temas – um jornalismo de emergência – como alternativa aos modelos jornalísticos hegemônicos.

Palavras-chave: Fundamentos do Jornalismo; Narrativa jornalística; Construção de sentidos; Sociologia das ausências; Revista *Brasileiros*.

RESUMEN

Este artículo pretende plantear algunas reflexiones sobre los significados que han surgido de la narrativa periodística sobre personas anónimas generalmente ignoradas por la mayoría de los medios de comunicación. Muchos medios ponen el foco solamente en acontecimientos extraordinarios relacionados con figuras públicas o personas famosas. Aunque estos modelos ocupen lugar hegemónico en periódicos europeos del siglo XVII, fueron fuertemente influenciados por una racionalidad indolente (Santos, 2002), estableciendo dicotomías como conocimiento científico/conocimientos tradicionales, cultura/naturaleza, civilizado/primitivo, norte/sur, al oeste/este. Este enfoque valora sólo lo que está cubierto por la modernidad occidental. Como mediador de la realidad social, los medios de comunicación también pueden asumir el compromiso de dar voz a todas las personas de diferentes sexos, clases sociales y culturas, inspirados en el concepto que el autor (Santos, 2002) ha denominado de Sociología Cosmopolita. La apreciación del cotidiano anodino y de las historias de personas anónimas es debatida aquí a partir de la análisis de dos artículos de la Revista *Brasileiros*. Desde el uso de los recursos de Análisis Pragmática de Narrativa Periodística (Motta, 2010), el objetivo fue investigar la presencia de los informes que se ocupan de estas cuestiones, así como analiza el tratamiento de estos temas – el periodismo de emergencia – como una alternativa a los modelos hegemónicos periodísticos.

Palabras clave: Fundamentos del periodismo; Narrativa periodística; La construcción de significados; Sociología de las ausencias; Revista *Brasileiros*.

ABSTRACT

This article aims to raise some reflections about meanings that emerge from the journalistic narrative about anonymous people generally ignored by most media. Usually, the media focuses extraordinary events involving public figures or famous people. Although these models have hegemonic rise in European journals of the Seventeenth Century, were strongly influenced by a rationality indolent (Santos, 2002), establishing dichotomies as scientific knowledge/traditional knowledge, culture/nature, civilized/primitive, north/south, west/east. This approach appreciates just what is covered by Western Modernity. As a mediator of social reality, the media can also make a commitment to give voice to all people of different genders, social classes and cultures, inspired in Santos appoints as Cosmopolitan Sociology. The appreciation of everyday nondescript and stories of anonymous people discussed here is based on the analysis of two articles of the *Brasileiros* magazine. From the use of resources of Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative (Motta, 2010), the aim was to investigate the presence of reports that address these concerns, as well as examines the treatment of these themes – journalism emergency – as an alternative to models hegemonic journalistic.

Keywords: Fundamentals of Journalism; Journalistic narrative; Construction of meanings; Sociology of absences; *Brasileiros* magazine.

Narrativas sobre personagens anônimos

O jornalismo da atualidade se situa como mediador da realidade social. Em uma ponta estão os grandes acontecimentos e na outra o cotidiano anódino. Ambos fazem parte da tessitura social contada e recontada todos os dias pela narrativa jornalística. No entanto, grande parte da mídia prioriza apenas fatos extraordinários, que rompem com a rotina. Geralmente tais acontecimentos envolvem figuras públicas ou pessoas famosas. Ao parafrasear Eliane Brum (2006), são raros os relatos que dão espaço às experiências cotidianas, que demonstram como o ordinário da vida é, também, extraordinário. A partir da adoção deste modo de fazer jornalístico, vidas desconhecidas ganham voz no relato midiático.

Este artigo busca suscitar algumas reflexões sobre os sentidos que emergem da narrativa jornalística sobre pessoas anônimas como alternativa aos modelos hegemônicos. Para tal reflexão, faz-se necessário trazer à tona algumas causas que levam a Imprensa a privilegiar o factual e o extraordinário em detrimento das singularidades de vidas simples, invisíveis. Nesse intento, promovemos aqui uma discussão sobre o pensamento jornalístico predominante no Brasil, recorrendo aos estudos de Traquina (2005) e Kovach e Rosenstiel (2004). Por outro lado, para os questionamentos sobre as motivações para o conflito de modelos praticados no país, buscamos compreender as contribuições do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, com especial atenção em seu ensaio “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” (2002).

Como referencial empírico deste trabalho, foram analisadas duas reportagens publicadas na revista *Brasileiros*, em circulação desde julho de 2007, que surgiu com a proposta de ter como foco o Brasil, seus grandes temas, seus grandes desafios e, principalmente, seus habitantes e suas histórias. A fim de desenvolver esta análise, contamos com os recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística proposta por Luiz Gonzaga Motta (2010). Essa metodologia possibilita o estudo das relações humanas que produzem sentidos por meio de expressões narrativas. Segundo o autor, a partir desta opção procura-se entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados por meio da compreensão e expressão da realidade, inclusive pela mídia. O relato, dessa forma, esclarece o contexto sociocultural dos sujeitos. “A narrativa traduz o conheci-

mento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, os valores, etc) em relatos” (MOTTA, 2010: 143).

Ao seguir os passos sugeridos por Motta, dedicamos atenção à 1) identificação dos conflitos, pois a situação de uma narrativa jornalística é, quase sempre, um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna; 2) construção de personagens jornalísticas – que permite que os personagens sejam classificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis; 3) estratégias comunicativas – que possibilita descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores, capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística, e visam produzir efeitos de real ou efeitos poéticos; por fim, 4) o contrato cognitivo e a 5) relação comunicativa – firmados pelo narrador, chamada de perspectiva narrativa ou instância narrativa.

Ao final, destacamos a importância dos relatos sobre personagens anônimos, assim como o tratamento dado a tais temas. Com a discussão a seguir, temos a intenção de contribuir para os debates sobre as práticas jornalísticas – a predominância de modelos hegemônicos e a emergência de atitudes alternativas.

Conflito de modelos... ...ou a opção pela emergência

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros se refere à defesa dos princípios contidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos¹. No Artigo 6º, Inciso XI, afirma ser dever do jornalista: “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias”. O documento estabelece, ainda, que é dever do jornalista defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural, além de preservar a língua e a cultura do Brasil, respeitando a diversidade e as identidades culturais. Por tais preceitos, pode-se dizer que os profissionais brasileiros assumem um papel social do jornalismo como promotor da cidadania e de vigilância do

¹ A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

sistema democrático, o que o torna responsável por mediar a manifestação de diversos públicos, sem restringir seu foco apenas às pessoas célebres ou desconhecidas.

Kovach e Rosenstiel ressaltam que a primeira responsabilidade dos jornalistas é com a manutenção da cidadania: “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (2004, p. 31). Os autores chegaram a estes princípios após amplo e intenso levantamento junto a acadêmicos e profissionais norte-americanos. Para a consecução dessas responsabilidades, há que se vivenciar um sistema democrático de maneira plena e incontestável e, ao mesmo tempo, respeitar a noção de participação pública. Em outros termos, não sofrer qualquer tipo de restrição e atender aos interesses de forma mais ampla possível (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004: 31-49).

Neste aspecto também cabe enfatizar que, como agente difusor da memória coletiva de saberes e relatos, o jornalismo possui muitas obrigações para com seu público. Como lembram Fontcuberta e Borrat (2006), além de preocupar-se com o cumprimento de sua função educativa e para o exercício da cidadania, o relato jornalístico deve atentar para sua dimensão socializadora e para seu protagonismo na gestão do ócio das pessoas.

A esta discussão sobre finalidades e responsabilidades, torna-se oportuno especular como tais premissas refletem nas rotinas produtivas da Imprensa. Nelson Traquina (2005), ao abordar as várias teorias do jornalismo contemporâneo, sublinha a proposição Interacionista, a que parece ser muito pertinente à linha de raciocínio aqui desenvolvida. Ao indagar “por que as notícias são como são?”, sublinha que as notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (acontecimento) num produto (as notícias), conforme critérios de noticiabilidade. Para o autor, a autoridade e a legitimidade de exercer o poder de decidir a noticiabilidade dos acontecimentos e das problemáticas garante a independência própria dos profissionais. A recorrer a Gaye Tuchman, afirma que este processo objetiva ordenar, no tempo e no espaço, a vida cotidiana de modo a integrar a população pela atualização com informações de interesse em sua época e lugar (TRAQUINA, 2005: 180-187).

Em termos conceituais e expectativas de práticas profissionais, tais suposições parecem perfeitamente coerentes e procedentes. Os próprios Kovach e Rosenstiel aler-

tam para um novo desafio: “[...] nesse começo de século 21 a profissão terá pela frente a maior ameaça de sua história. Vemos pela primeira vez o surgimento de um jornalismo baseado no mercado, mais e mais divorciado da ideia de responsabilidade cívica”. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004: 49).

Ao analisar o pensamento de Boaventura de Sousa Santos, pode-se constatar que esta ameaça está longe de ser nova. Seu ensaio “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” (2002) nos fornece subsídios para considerar que este problema é mais antigo. Aqui vale lembrar que as bases para os modelos jornalísticos que praticamos ainda hoje foram estabelecidas no século XIX, em plena efervescência sociocultural e econômica que traçaram os caminhos do mundo moderno. O choque entre os influxos iluministas e os interesses da burguesia ecoou no movimento Modernista de modo a refletir em incomensuráveis avanços materiais e, por outro lado, uma plêiade de efeitos contestáveis.

Nesse contexto instalou-se o que Santos nomeia de razão indolente que supõe a compreensão ocidental de mundo como única e, portanto, presunçosamente deva ser generalizada para qualquer lugar e em qualquer tempo. Para o autor,

A razão indolente subjaz, nas suas várias formas, ao conhecimento hegemônico, tanto filosófico como científico, produzido no Ocidente nos últimos duzentos anos. A consolidação liberal na Europa e na América do Norte, as revoluções industriais e o desenvolvimento capitalista, o colonialismo e o imperialismo, constituíram o contexto sociopolítico em que a razão indolente se desenvolveu. (SANTOS, 2002: 240).

A indolência da razão criticada pelo sociólogo português ocorre de formas diferentes – a impotente, a arrogante, a metonímica² e a proléptica. Para este estudo, no entanto, vamos nos concentrar na relativização da razão metonímica, em princípio mais adequada ao nosso propósito. Esta é obcecada pela ideia de totalidade sob a forma da ordem. Por isso, há apenas uma lógica que governa tanto o comportamento do todo como o de cada uma das partes. Há uma homogeneidade entre o todo e as partes e estas

² Metonímica – Advém da figura de retórica que consiste no emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. Neste caso, a razão metonímica supõe que o comportamento tanto do todo como o as partes devem ser regidos pela mesma lógica, o que necessariamente não é verdadeiro. Por isso, tende a se firmar autoritariamente como totalidade e impor homegeneidade às partes que a compõem.

não têm existência fora da relação com a totalidade. Assim, as possíveis variações no movimento das partes não afetam o todo e são vistas como particularidades. Por isso mesmo, sublinha Santos, a forma mais acabada de totalidade para essa racionalidade é a dicotomia, pois combina de modo mais abrangente a simetria com a hierarquia. E acrescenta:

Na verdade, o todo é uma das partes transformada em termo de referência para as demais. É por isso que todas as dicotomias sufragadas pela razão metonímica contém uma hierarquia: cultura científica/cultura literária; conhecimento científico/conhecimento tradicional; homem/mulher; cultura/natureza; civilizado/primitivo; capital/trabalho; branco/negro; Norte/Sul; Ocidente/Oriente; e assim por diante. (SANTOS, 2002: 242).

Por ser rigorosamente hierarquizada, esta racionalidade não é capaz de aceitar que a compreensão do mundo é mais do que a compreensão ocidental de mundo. Por isso, o Norte não é inteligível fora da relação com o Sul, como o conhecimento tradicional não o é fora da relação com o científico ou a mulher sem o homem. Assim, esta razão promove uma compreensão de mundo que não é apenas parcial, mas internamente muito seletiva.

E justamente por ser internamente seletiva transfere para todas as questões as dicotomias que provoca. É também o que o próprio Boaventura de Sousa Santos (2010) destaca em outro de seus ensaios quando denuncia um “pensamento abissal” que adveio dessa mesma racionalidade. Este consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos. A divisão é tal que o “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. O autor enfatiza que “inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível”. A principal característica do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha, pois, para além da linha, há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética.

Ainda que as raízes do jornalismo, como o conhecemos, estejam fincadas no século XVII, como pode ser constatado na obra de Tobias Peucer (2004), os processos de produção noticiosa foram fortemente influenciados pelo pensamento moderno. Estes assimilam esta lógica que, por um lado trata a questão total/partes de maneira negligente

e arrogante e, por outro, é seletiva e provoca dicotomias. Assim, privilegia o extraordinário, o destaque a figuras públicas e famosas, restando às pessoas simples a “particularidade” – nunca outra totalidade, como lembra Santos. Porque o “outro” está impossibilitado de co-presença, está no outro lado da linha, simplesmente inexistente e é produzido como inexistente, é invisível.

Com seu *De relationibus novellis* (Relatos jornalísticos), Tobias Peucer defendeu o que é reconhecido como a primeira tese acadêmica no campo do Jornalismo, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, em 1690. Ali esboçou as primeiras linhas para uma Teoria do Jornalismo e, no dizer de Jorge Pedro Souza, “o primeiro manual de jornalismo do mundo” (SOUZA, 2004: 43). Em seus 29 parágrafos, discorre sobre as diferenças e semelhanças entre a História e o Jornalismo, passando por preceitos que, mais tarde, seriam contemplados em códigos de Ética, como apresenta noções de valores notícia. Em suas precauções sobre o que se deve e o que não se deve publicar, Peucer salienta critérios como atualidade, proximidade, importância, impacto, espetacular, entre outros, muito conhecidos pela literatura jornalística contemporânea. Note-se que no parágrafo XV estabelece recomendações para a seleção de notícias:

“...os prodígios, as monstruosidades, os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente (...) os diferentes formas de impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz (...) os cargos públicos, os nascimentos e morte dos príncipes, as sucessões de um reino, as inaugurações e cerimônias públicas...” (PEUCER, 2004: 19-20).

Sobre o que “não publicar”, Peucer assinala entre suas precauções “que não se expliquem indiscriminadamente aquelas coisas dos príncipes” ou ainda o que “prejudique os bons costumes ou a verdadeira religião”. Tais observações sugerem que esta prática era recorrente nos periódicos daquele momento.

Diante de tais critérios de noticiabilidade que expressam intenções e necessidades de uma época, seria de se imaginar que o pensamento moderno pudesse transformar o comportamento da sociedade europeia. O ideário iluminista que inspirou a Modernidade vislumbrava, entre outras conquistas, a universalização do saber e a emancipação social. Como já mencionado, a ascensão da burguesia e o avanço do capitalismo, no entanto, fizeram com que este ideário ecoasse de forma difusa na era moderna. Se antes as

relações de poder eram marcadas pela distância entre nobres e plebe, no novo regime estas relações evidenciaram os conflitos entre trabalho e capital, o trabalhador e o detentor dos meios de produção, o pobre e o rico. Para Santos (2002), tal situação deveu-se ao equívoco de transformar muitos dos esforços de emancipação em esforços de regulação – controle social.

Esta razão predominante repercutiu na instituição da imprensa nascente – não mais artesanal, mas dotada dos mesmos modelos de produção de uma fábrica. Para uma imprensa regida pela sociologia das ausências, há que se vislumbrar um jornalismo de emergência – movido pela sociologia cosmopolita e por um pensamento pós-abissal. Esta pode ser uma abordagem alternativa aos modelos hegemônicos que, ainda que seja a exceção às políticas editoriais da grande imprensa brasileira, há quem a pratique, como poderemos averiguar nas próximas linhas.

Sentidos que emergem dos relatos... ...a experiência da *Brasileiros*

Ao analisar as duas reportagens da revista *Brasileiros* no que se refere à construção de personagens jornalísticas foi possível observar a característica apontada por Motta: é individualizada e representa o eixo da narrativa, de forma que mobiliza a subjetividade do repórter (MOTTA, 2010: 154).

A reportagem *A diarista*, de Marta Góes, com fotos de Ana Paula Paiva, trata das habilidades de Arlinda Rocha e Silva, “cujo talento para instaurar a ordem e a harmonia em casa é disputado por uma clientela que não abre mão de seus serviços”, conforme já indica o subtítulo. A reportagem foi publicada na edição 5, de novembro de 2007.

Marta acompanhou Arlinda na casa de alguns clientes, segundo conta ao final do texto. Há diversas fotos da personagem nos seus ambientes de trabalho e em casa, com a família. A narradora sabe bem do que fala, pois Arlinda trabalha em sua casa também. Assim, Marta escreve o texto em primeira pessoa e relata suas impressões sobre a personagem. Conta sobre sua surpresa quando se deparou pela primeira vez com uma cama feita por Arlinda, com detalhes e capricho que a fizeram se sentir num hotel. Elenca suas infinitas habilidades: transformar roupas velhas em novas, lavar *cashmere*, roupas brancas e seda pura, tirar manchas de vinho das toalhas de mesa e de batom dos guarda-

napos, recuperar o brilho das panelas, ressuscitar samambaias, empilhar toalhas de banho em rolinhos compactos, removíveis sem derrubar a pilha inteira.

Ela adora cuidar de plantas e promove um intenso tráfego de mudas entre a sua casa e a dos patrões. "A primeira vez que a vi, ela carregava duas sacolas pesadíssimas e um antúrio para mim", diz Andrea, mulher de Macau e mãe de Tom, sua patroa às sextas-feiras. A lista de suas técnicas, que inclui chás curativos e produtos caseiros de limpeza, é inesgotável. Mas o talento mais espantoso é a naturalidade com que instaura a ordem e a harmonia, como se tivesse vivido sempre num palácio, cercada de requinte. E não foi assim. (GÓES, 2007: 58)

Ao destacar as habilidades de Arlinda, ainda que sutilmente, a narradora reconhece a importância do senso comum: valoriza o conhecimento popular da diarista para solucionar problemas do dia a dia. Marta salienta as qualidades da protagonista e traz a fala de personagens secundários que ajudam a reafirmar seu posicionamento. Relata que Arlinda viu um elevador pela primeira vez aos 14 anos, quando desembarcou em São Paulo, vinda de Vitória da Conquista, na Bahia. "Até então, não conhecia vassoura ou rodo: varria com um maço de folhas de coqueiro o chão da casa de dona Dinalva, para quem foi trabalhar aos 9 anos". Ao trazer tais informações para a reportagem, o intuito é de reafirmar que, mesmo sem ser criada com conforto, a diarista consegue oferecer bons serviços, organiza a casa atenta aos detalhes. Mais um trecho confirma sua origem simples: "Aos 16, em São Paulo, convidada para ir a um batizado, calçou o primeiro par de sapatos fechados. Para se acostumar ao desconforto que causavam, dormiu com eles nos pés. Jamais frequentou uma escola". Há uma síntese de episódios que demonstram a trajetória da personagem.

Marta explica que Arlinda está no auge de sua carreira, aos 53 anos, pois tem cinco fregueses que a ocupam seis dias por semana, e pelo menos outros quatro em lista de espera. Narra então a cena de seu primeiro encontro com a diarista, num ponto de ônibus em frente ao Cemitério da Consolação, em São Paulo, onde combinaram de se encontrar. "Demorei a localizá-la e a chuva a alcançou primeiro. Estava encharcada, entrou no carro sorrindo e, típico de Arlinda, pediu desculpas, como se ela tivesse me causado algum incômodo, e não o contrário". O comportamento da diarista é permeado de requinte, conforme o relato de Marta. Ela revela que Arlinda pede licença para abrir cada armário, cada gaveta.

A personagem traz todas as características que a tornam uma representante do grupo de trabalhadores ao qual pertence. Trata-se de uma legítima diarista brasileira.

Não bastasse chamar-se Arlinda Rocha e Silva, quase uma alegoria ao astral gentil, à resistência e à condição de cidadã comum, ela representa fielmente a categoria, constituída por 6,8 milhões de trabalhadores, dos quais 94,3% são mulheres, 61,8% são pretos e pardos, 75% não têm carteira assinada e 62% não concluíram o ensino fundamental. (GÓES, 2007: 60)

Marta traz dados estatísticos, recursos linguísticos que criam efeitos de real. Segundo Motta (2004b), nesses momentos os relatos se remetem ao grau máximo de objetividade. Também brinca com o que pode simbolizar o nome de sua protagonista. “Ao revés, quando ele deixa-se penetrar por percepções estéticas, cresce a subjetividade e as emoções transparecem e podem induzir o leitor a uma reação emocional” (MOTTA, 2004b: 44). Ao apresentar os dados objetivos, faz uma crítica à condição de trabalhos dessas mulheres: “Tecnicamente, são autônomas, e não podem usufruir dos direitos que a Constituição garante à categoria: salário mínimo, repouso semanal, férias remuneradas, contribuição para a previdência social”. Situa sua personagem entre as diaristas que ganham mais de três salários mínimos (0,9%).

A narradora localiza a personagem no ambiente, conta que Arlinda vive com dois dos seis filhos na casa de sala, cozinha e dois quartos que ela mesma construiu, ao longo de 30 anos, no Jardim Santo Eduardo, bairro de Embu das Artes, município próximo à zona Sul de São Paulo. Um dos filhos construiu sua casa sobre a laje, onde mora com a família. “Um riacho malcheiroso que passa pelos fundos do terreno causa inundações eventuais e constrangimento permanente a uma mulher que se orgulha de perfumar as casas alheias”, destaca a antítese, que evidencia como a realidade da vida contraria as pessoas. O relato busca uma aproximação afetiva do leitor: “Ao saber que ia ser tema de uma reportagem, chorou. Pela primeira vez em quatro anos, ela se sentou na sala, em minha casa, em Higienópolis, e contou sua história”. Marta esteve com Arlinda em diversos endereços por onde circula e descreve, no último parágrafo, a cena de sua despedida, quando visitou um dos lugares de trabalho de Arlinda.

Carregava a bolsa a tiracolo que comprei em Veneza, há 15 anos, sua sacola de roupas e um volumoso saco de lixo para deixar no térreo, ao sair. Com segurança e cerimônia, guiou-me na viagem de ônibus até o

Jardim Santo Eduardo, uma extensão infinita de lajes, grades, pichações e antenas de TV. Ligou no dia seguinte para saber se eu tinha chegado bem.
(GÓES, 2007: 61)

A reportagem encerra evidenciando a emotividade, o capricho e a solidariedade de sua protagonista. Nas duas páginas seguintes, a narradora optou por publicar *Cenas da vida da diarista* descoladas do texto principal. O leitor pode escolher qual cena vai atentar primeiro. A estratégia comunicativa de causar admiração torna-se evidente, como no trecho: “Quando ninguém estava olhando, pegava um sabugo de milho, ajeitava a palha como um vestido e os fios amarelos como uma cabeleira. Foi a única brincadeira que chegou a experimentar”.

Em outras cenas, traz sutilezas da alma de Arlinda, como a vontade de ser cantora, pintora, decoradora e a paixão por Roberto Carlos, como quando quis comprar um pôster, mas o dinheiro não era suficiente. “(...) consolou-se pensando que daria o nome de Roberto ao primeiro filho. Deu-o aos quatro: José Roberto, Paulo Roberto, Márcio Roberto e Willian Roberto”. Há humor e tristeza no relato da vida de Arlinda:

Aos 16 anos, começou a namorar o porteiro do prédio. A patroa avisou que, se casasse com ele, perderia o emprego. Ela preferiu casar. Aos 24 anos, era mãe de cinco crianças, que sustentava sozinha lavando roupa para fora. Alcoolizado, o marido se tornava muito violento. Morreu há um ano, esfaqueado numa briga.
(GÓES, 2007: 63)

A narrativa tenta demonstrar como Arlinda, de origem pobre e dona de uma simplicidade exemplar, conseguiu vencer, encontrar alegrias em sua vida. O relato apresenta a vida dessa anônima como exemplo, já que a retranca é *Perfil – profissões*. A protagonista é o modelo da mulher lutadora e bem-sucedida, mesmo na sua singeleza. Os relatos promovem identificação ou convidam os leitores a conhecerem situações que talvez não teriam contato se não fosse pela narrativa de uma vida humilde, cheia de virtudes.

Está evidente, também, a tentativa de trazer valorização pessoal à própria personagem que, mesmo não alfabetizada, tem sua história contada como de uma profissional exemplar. García Canclini (2009: 45) aponta: “qualquer prática social, no trabalho e no consumo, contém uma dimensão significativa que lhe dá sentido, que a constitui e cons-

titui nossa interação na sociedade”. É a dimensão integradora, de compartilhamento de sentidos. Afinal, grande parte da população brasileira pertence à classe socioeconômica de Arlinda. Ao valorizar a vivência da diarista, difunde uma história que causa identificação a muitos brasileiros que, de origem pobre e à mercê do mercado de trabalho, passaram a integrar o grupo dos economicamente ativos. Com isso, passaram a colaborar no desenvolvimento socioeconômico brasileiro.

O mesmo pode ser observado em *A saga da candanga Luiza*, que trata da trajetória de Luiza Gomes Pereira, de 85 anos, nordestina que se mudou para a capital federal em 1960. A reportagem faz parte do *Especial – 50 anos de Brasília*, publicado na edição 33, abril de 2010, que traz oito matérias, a maioria trata de personagens da capital. A edição do texto adotou um recurso não muito comum no jornalismo, pois o subtítulo traz informações sobre a autoria e os bastidores da produção da reportagem: “Menina ainda, a repórter Eliane Gonçalves ouvia as durezas da saga da família. Agora, pediu à avó, de 85 anos, que refizesse, passo a passo, os percalços na mudança da Paraíba para a Capital Federal”. Luiza é avó da repórter e esposa de um dos construtores de Brasília.

O título *Candanga* e o subtítulo foram publicados na primeira página da matéria, que traz uma foto em preto e branco, diagramada em duas páginas da revista. A imagem mostra alguns homens sobre caminhonetes, retroescavadeiras e outras máquinas usadas na edificação da capital federal, com a legenda: “Corrida para o cerrado – Em fevereiro de 1959, havia 50 mil trabalhadores no canteiro de obras. E a cada dia chegavam mais”. Vale ressaltar que a palavra *candanga*, que dá título à matéria, ainda que empregada no feminino, refere-se aos homens que se dispuseram a ser trabalhadores na construção de Brasília³.

A repórter optou pela narração cronológica, em que elenca os principais fatos e os descreve dando um ordenamento temporal, inclusive abre intertítulos com os anos

³ “Quando se começou a construir Brasília, candango era tido quase como termo ofensivo, desprimoroso, como que a indicar o homem sem qualidade, sem cultura, um pária da sociedade. Mas, aos poucos, o Candango trabalhador de Brasília passou a ser admirado no Brasil e no Mundo pela tenacidade, pelo esforço, pelo idealismo. E a expressão tornou-se um título de honra, pois só os que tinham peito e raça poderiam ser candangos”. Verbete de Ernesto Silva disponível na página do Governo Federal: <<http://www.brasil.gov.br/brasil/conteudo/historia/1956/a-chegada-dos-candangos>>. Acesso: 18 maio 2012.

em que ocorrem os principais fatos. Embora a reportagem seja construída em ordem crescente, na abertura da matéria há marcas de antecipação.

Marmeleiros, imburanas e xiquexiques. Foi na caatinga nordestina que Luiza Gomes Pereira cresceu, se casou, teve filhos. Do alto dos seus 5 anos, foi testemunha da revolução de 1930, na Paraíba. Viveu a política dos coronéis e ouviu com respeito e medo as histórias de cangaceiros. Ao longo dos anos, assistia a tudo com a distância imposta àquelas que do alfabeto aprenderam só o próprio nome. Construiu um futuro sem nunca ter sonhado com um. Cada desafio tinha o tamanho de um dia. Foram muitos, até se acostumar com pequizeiros e buritizais do cerrado. (GONÇALVES, 2010,: 86)

Em todos os momentos narrados é possível conhecer a personagem e a sucessão de episódios que ocorrem no país e na vida de Luiza. O relato é descritivo, em que é possível distinguir ambientes, roupas, cheiros, sentimentos, além de tratar da época e de circunstâncias temporais.

1955 - O jingle anunciava a candidatura de Juscelino Kubitschek. No comício, em Jataí, Goiás, o mineiro tornava pública a intenção de construir Brasília. Àquela altura, Luiza já tinha cinco filhos, perdido dois e nem se deu conta da discussão. Rádio era artigo de luxo em Itaporanga, distante 406 km de João Pessoa, e o interesse pelas questões nacionais era mínimo: “Só queria saber dos filhos e só saía de casa para a reza”. (GONÇALVES, 2010: 86)

Embora sutilmente, a ironia se faz presente ao evidenciar a falta de atenção dada por Luiza ao fato que mudaria seu destino. A narradora continua a trançar fatos da vida da personagem e da construção da capital no intertítulo 1956: “Os primeiros candangos começam a chegar. Os operários vêm de Minas, Goiás, Bahia, Paraíba... (...) Em Itaporanga, Luiza olha para a roça: o marido colhe algodão”. A repórter vale-se da descrição de uma cena feita por sua avó para contextualizar o tempo e o ambiente.

No mesmo intertítulo, a reportagem assume um tom de denúncia das más condições de alimentação e moradia dos operários (o que se repete em outros intertítulos). Cita uma das histórias que, segundo a repórter, não virou notícia, mas ficou na memória dos pioneiros: o protesto organizado pelos trabalhadores contra a comida, no acampamento de uma das maiores construtoras, a Pacheco Fernandes. De acordo com Eliane, a versão oficial registra um morto. Era domingo de carnaval e os homens da Guarda Especial de Brasília (GEB) chegam ao refeitório e atiram. “A história, contada de geração

em geração, fala em chacina. Pelo menos nove pessoas morreram e cerca de 50 ficaram feridas. Só um jornal, de oposição a Juscelino, foi ao canteiro de obras apurar o que aconteceu”. A reportagem conta apenas com falas e descrições da personagem principal. Seu marido, personagem secundário, só é conhecido a partir das memórias de Luiza. Inclusive, suas declarações são dadas na voz da protagonista, por meio de suas lembranças.

Junho de 1959 - Francisco Pereira Cordão resolve enfrentar Brasília. Segue sozinho. Deixa para trás a mulher, Luiza, e cinco filhos. O mais novo, com 5 meses. “Valei-me, como senti medo... Chico não sabia ler. Não tinha dinheiro. Na hora em que ele pegou o pau de arara, que subiu no caminhão e se despediu de mim e dos meninos, falou: ‘Olha aqui, Luiza, eu só levo uma rapadura e um litro de farinha’. Eu chorei demais, corri no ‘seu’ Quincô e pedi 20 mil réis emprestados. Prometi: ‘No dia que Chico começar a mandar o dinheiro, eu pago’”. (GONÇALVES, 2010: 86)

Somente nesse ponto do texto é possível conhecer o nome completo do marido de Luiza, Francisco Pereira Cordão, o Chico. A partir da fala da entrevistada se projeta o sentimento de dor e de pobreza dos personagens, se conhece a realidade do migrante que deixa a família com pouco e parte sem nada em busca de um futuro melhor.

Por meio do relato de Luiza, se percebe como ocorre a organização social e econômica num pedaço do Brasil onde se dá um jeito diante das dificuldades, se empresta dinheiro do vizinho, e não de uma instituição bancária. Tal narrativa integra a memória nacional, pois é compartilhada por milhões de brasileiros que, a cada ano, deixam a segurança de seus lares rumo à esperança de melhores condições de trabalho e estudo (o Censo de 2010 observou uma redução na mobilidade espacial, mas os números continuam altos)⁴.

No intertítulo *Dezembro de 1959*, a repórter conta sobre a volta de Chico à Itaporanga. “Na mala, traz histórias e dinheiro”. E então Luiza relembra: “Chico voltou bonito, gordo, feliz... e queria que eu ficasse na Paraíba trabalhando na roça, pra ele voltar sozinho pra Brasília”, conta a personagem. “O marido fez a proposta e ouviu a

⁴ De acordo com o Censo Demográfico 2010, entre 1995 a 2000, movimentaram-se 30,6 migrantes para cada mil habitantes, ou seja, 5,1 milhões, já no período 2005 a 2010, observaram-se 26,3 migrantes para cada mil habitantes, mais de 5 milhões. Publicado em 27 de abril de 2012. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/.../00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso: 18 maio 2012.

resposta na hora: “Eu fico sozinha, nada! Com cinco filhos pra criar? Eu vou no teu pé, seja pra onde for”. Chico avisou: “Luiza, tu vai sofrer”. A coloquialidade ocupa o centro desta cena, é possível conhecer o modo de fala dessa mulher nordestina, que prefere sofrer junto de seu marido em terras estranhas, a criar os filhos sozinha, na terra natal.

A reportagem segue descrevendo a longa viagem, onze dias no pau de arara. “Durante o dia, a poeira da estrada. À noite, o telhado de estrelas. Custou caro”, narra Eliane. Afinal, o caçula Cícero adoeceu na viagem: “Acho que foi o cheiro do fumo. Não conseguia comer nada. Fomos direto para o hospital das Pederneiras (atual Hospital de Base). Foram 22 dias... mas meu filho não saiu...”. Após narrar as memórias de Luiza, Eliane assume com mais evidência a autoria do texto e expõe seus laços familiares: “Meio século depois, minha avó ainda conta essa história com culpa, como se pudesse ter evitado. Também guarda um pouco de raiva”. Ao relatar o episódio, denuncia a irregularidade do transporte usado pelos nordestinos, que trazia gente e fumo na mesma carga, também evidencia a forma como os trabalhadores foram tratados no final das obras. Ao abrir um novo intertítulo, mais três meses se passaram.

Abril de 1960 - Faltava menos de um mês para a inauguração de Brasília. Era preciso arrumar a cidade para a festa e, nessa hora, operário não podia mais morar perto. O barraco da família ficava na Vila Amaury. Na hora do almoço, quando só havia mulheres e crianças, chegaram os caminhões. Tudo foi derrubado. Poucos dias depois, no lugar surgiria o Lago Paranoá. “Meu marido estava trabalhando nas obras, não soube de nada.” A família foi parar a uns 40 km de distância, num descampado que mais tarde seria batizado de Sobradinho, cidade satélite do Distrito Federal. “Meu marido só chegou 15 dias depois, onde eu estava com os meninos. Era sábado, ele tinha deixado o trabalho ao meio-dia. Foi chegar uma da madrugada... no escuro, todo rasgado, sujo... Não tinha estrada, só tinha mato. Quando chegou, quase morreu de chorar, pensava que tinha perdido a família.” Ao contrário de Brasília, as cidades satélites não nasceram de um plano, são resultado da urgência. Ceilândia, a maior de todas, é o grande símbolo. O nome nasceu de uma sigla: CEI – Centro de Erradicação de Invasões. Contam que Sobradinho tem esse nome porque ali havia uma casinha de João de Barro feita em dois pavimentos. Depois de se estabelecer nesse lugar, minha família encontrou um pedaço de sossego. Luiza começou a trabalhar lavando roupa, depois como merendeira em escolas. Matriculou os filhos, 1º grau, 2º grau, faculdade. Em 1964, comprou os tijolos para construir a própria casa, onde mora até hoje. A maior memória da construção de Brasília está ali, na foto tirada em roupa de domingo, com tijolos ao fundo. “Não sou mais paraibana. Virei brasiliense.” (GONÇALVES, 2010: 87)

Há um corte na cronologia do relato, que vai da década de 1930 a 1960. Estes são os parágrafos finais da reportagem. Não há mais informações sobre Chico, nem se faz referência sobre como Luiza vive atualmente. Mas percebe-se que ela deu a volta por cima, de mãe e esposa do campo quase deixada ao abandono no nordeste, ela passa a trabalhar fora de casa, educa os filhos, constrói seu lar no ambiente urbano. Em *A saga da candanga Luiza*, assim como em *A diarista*, não há todas as características da jornada do herói elencadas por Martinez (2004), estrutura narrativa que combina até doze etapas (cotidiano; chamado à aventura; recusa ao chamado; travessia do primeiro limiar; testes, aliados, inimigos; caverna profunda; provação suprema; encontro com a deusa; recompensa; caminho de volta, ressurreição e retorno com o elixir)⁵. Entretanto, nota-se a ênfase dada às atitudes heroicas das personagens.

Percebe-se o intuito de compartilhar a experiência de migrantes nordestinos que, apesar das dificuldades, conseguiram dar dignidade às suas famílias. Assim, os sentidos que emergem dessas reportagens são de sofrimento, luta, honra, perseverança, conquista. Vale ressaltar que o relato de Luiza remete a outra história bastante conhecida do brasileiro que saiu do nordeste e chegou à Brasília: Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil por dois mandatos (também pode-se fazer relação com a figura feminina: Lindu, a mãe de Lula). Ainda que Lula tenha chegado a São Paulo antes de seguir à capital federal, a narrativa traz muitas semelhanças: eram migrantes nordestinos que seguiram viagem no pau de arara, pobres, que acreditaram no Brasil⁶. Luiz e Luiza, ou Lula e Luiza, ainda guardam uma proximidade fonética. Mesmo que tal similaridade entre os personagens não tenha sido planejada no momento de produção do texto, inconscientemente, a ligação faz-se inevitável, pois é parte do imaginário comum a inúmeros brasileiros.

⁵ De acordo com Edvaldo Pereira Lima tal estrutura narrativa é “organizada numa combinação de estudos mitológicos de Joseph Campbell e da psicologia de Carl Gustav Jung, por Christopher Vogler, consultor de roteiros de cinema nos Estados Unidos. Utilizada por Spielberg e George Lucas. Adaptada para narrativas do real por Edvaldo Pereira Lima. Testada no ensino de jornalismo por Monica Martinez em tese de doutorado na ECA/USP. Publicada em livro pela Annablume/Fapesp, 2008”. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>. Acesso: 12 março 2012.

⁶ A biografia de Lula foi escrita pela jornalista Denise Paraná sob o título *Lula, o Filho do Brasil*. A obra é originária de sua tese de doutorado em História Econômica, concluída na Universidade de São Paulo, em 1995. O livro serviu de inspiração para o filme homônimo, dirigido por Fábio Barreto, que estreou no Brasil em 2010.

De acordo com Omar Rincón (2006: 91), o relato jornalístico cumpre diversas funções: “para impactar ou surpreender, ironizar, mostrar o incompreensível, o imprevisível ou paradoxal da natureza humana” (em tradução livre). A partir da análise das duas reportagens foi possível constatar que as estratégias comunicativas adotadas foram de subjetivação, com recursos linguísticos que remetem os receptores a estados de espírito catárticos, conforme elenca Motta: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, etc. “Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas” (MOTTA, 2010: 160). Tais reportagens aproximam os leitores de um Brasil por vezes ignorado pela mídia.

Considerações finais

Um jornalismo de emergência

Ao compor o *corpus* de análise levando em consideração reportagens que tivessem como foco a vida de personagens brasileiros, foi possível perceber a recorrência da ideia de cidadão exemplar, tipo de brasileiro a ser seguido, sentidos que emergem dos textos. Ao explanar sobre a Sociologia das ausências, Santos (2002) sublinha que esta produz a “não-existência” do que não cabe na sua totalidade. Ao estabelecer uma lógica de classificação social, naturaliza as diferenças e cria hierarquias que traz como consequência uma relação de dominação. Ao trazer para suas páginas pessoas simples, que não representam notoriedades, os relatos de *Brasileiros* tornam visíveis aqueles que, na maioria das vezes “não existem” ou são construídas como inexistentes, relativiza um processo de classificação social própria da racionalidade indolente.

Verón (1980) ressalta que, apesar de não haver garantia de justaposição de sentidos que decorrem do processo comunicativo nas instâncias da produção e recepção, é a instância da produção que pretende definir quais os sentidos são postos em circulação. Motta reforça que “é do delicado equilíbrio entre o que o jornalista pretende como sentido (sua intenção) em sua notícia ou reportagem e o que o seu receptor confirma (ou não) que as significações se realizam” (MOTTA, 2004a: 119). Assim, percebe-se que os repórteres de *Brasileiros* têm em mente também um leitor ideal, que compartilha desse posicionamento, uma espécie de brasileiro que acredita em brasileiros. Dessa forma, os repórteres sempre enfatizam os atributos de seus personagens tendo como pano de fun-

do um rol de valores de honestidade, afincos e cidadania. Como critica Santos (2002b), um dos grandes equívocos da Modernidade adveio do choque do ideário Iluminista com os interesses capitalistas de uma burguesia em ascensão. Este embate acabou por transformar muitos esforços de emancipação em esforços de regulação – controle social. O que é ser cidadão? Apenas ter direito de escolher seus governantes? Ou usufruir de direitos sociais para ter uma vida digna com trabalho, moradia, saúde pública, educação? Por isso mesmo, as reportagens aqui analisadas denotam que cidadania não é exclusividade de uma classe socioeconômica, ao contrário, destacam as ações emancipatórias de personagens que buscam transcender o que a sociedade lhe impõe como limites.

O popular, o saber comum e o cotidiano anódino não são rejeitados pela revista. Ao invés disso, são valorizados nas reportagens o que parece considerar a diversidade de seu público leitor e de seus narradores. Além de evidenciar histórias de brasileiros humildes, ao dar voz a personagens do sexo feminino, a revista também demonstra uma preocupação com questões de gênero, já que são mulheres as protagonistas dos relatos estudados. Embora indiquem um modelo de cidadão exemplar, as reportagens de *Brasileiros* evidenciam que o veículo comunga de um ideal democrático de jornalismo, com espaço para relatos sobre cidadania e classes empobrecidas. A razão criticada por Santos (2002) cria dicotomias, que valoriza o homem ideal (branco, europeu, letrado) e desqualifica o “outro”. Ao evidenciar que os anônimos como os aqui tratados não são “particularidades ou exceções”, as reportagens realçam que essas pessoas são simplesmente diferentes e que suas diferenças merecem respeito.

A indolência da razão metonímica a que se refere Santos, ao adotar uma concepção da totalidade, transforma o presente num instante fugidivo, entrincheirado entre o passado e o futuro; a concepção linear do tempo expande o futuro indefinidamente. Esta compressão do presente provoca o que chama de “desperdício de experiências”, fato já alertado por Benjamin na primeira metade do século XX (*apud* SANTOS, 2002). Ao contar histórias como as de Arlinda e da candanga Luiza, a revista *Brasileiros* alarga o presente e abre espaços para as vivências destas personagens. São mais que relatos, mas histórias de vida.

Cabe ainda salientar que esta razão gera a lógica da escala dominante, pela qual a escala adotada como primordial determina a irrelevância de todas as outras possíveis escalas. Assim, a Modernidade ocidental optou como preponderante o universal e o

global e a inexistência aqui é produzida como o particular e o local. Da mesma forma, engendra a lógica produtivista, que se assenta na monocultura dos critérios da produtividade capitalista. Por isso, esta razão enaltece as realidades ditas importantes – científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas (SANTOS, 2002). Ao colocar na pauta a coloquialidade, a simplicidade, e os demais sentidos que emergem das narrativas sobre vidas humildes, intensifica o debate sobre o desenvolvimento socioeconômico brasileiro. Também dá indícios de comportamentos culturais, dotando identidade e valorização a grupos que, muitas vezes invisíveis para a mídia, passam a ter representatividade do discurso jornalístico. Por isso mesmo, esta abordagem e esta postura perseguidas por *Brasileiros* parece ser uma opção às políticas editoriais hegemônicas – alternativa –, um jornalismo de emergência movido pelo que Santos chama de Sociologia Cosmopolita (2002), por uma compreensão de mundo de co-presença, inclusivista e dialógica.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador – Observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: _____. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

FENAJ - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, Vitória, ES, 2007. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 21 mai. 2012.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. **Periódicos: Sistemas complexos, narradores em interação**. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3. ed. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GÓES, Marta. A diarista. **Revista Brasileiros**, São Paulo, n.5, 2007.

GONÇALVES, Eliane. A saga da candanga Luiza. **Revista Brasileiros**, São Paulo, n.33, 2010.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2.ed. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MARTINEZ, Monica. Jornada do Herói: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo. **Communicare Revista de Pesquisa**. v. 5, n.2, 2004. São Paulo. Disponível em

http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2012/12/06/1354815343.pdf Acesso em: 12 mar. 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C. (org.) e BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Jogos de linguagem e efeitos de sentido da comunicação jornalística **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. I, n.2, 2004a. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2077/1819> . Acesso em: 30 mar. 2012.

_____; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, n. 2, 2004b. Disponível em

<http://200.144.189.84/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1067/968> . Acesso em: 28 set. 2010.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Disponível em:

http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso 21 maio 2012.

PEUCER, Tobias. Relatos jornalísticos. **Revista Estudos de Jornalismo e Mídia**. Trad. Paulo da Rocha Dias. v. I, n.2, 2004. Florianópolis. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso: 29 out. 2013.

RINCÓN, Omar. **Narrativas mediáticas**. Barcelona: Gedisa, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n.63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em

http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS66.PDF, Acesso: 25 fev. 2013.

_____. **Pela mão de Alice: O social e o político na Pós-Modernidade**. 8. ed. Porto: Afrontamento, 2002b.

_____. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.); MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2010.

SOUZA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. I, n.2, p.31-46, 2004. Disponível em

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071> . Acesso em: 29 out 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. v. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix, 1980.